

Alguns aspectos
da Teoria da Continuidade Paleolítica
aplicada à região galega

Mario Alinei
Francesco Benozzo



Título original: *Alcuni aspetti della Teoria della Continuità Paleolítica applicata all'area gallega*. Texto da conferência proferida em Pontevedra no «II Congreso Internacional de Onomástica Galega», 19-21 de Outubro de 2006.

© Apenas Livros Lda.,
Mario Alinei e Francesco Benozzo

Al. Linhas de Torres, 97, 3º dto.
1750-140 Lisboa
Tel/fax 21 758 22 85
geral@apenas-livros.com

Depósito legal nº 282660/08
ISBN: 978-989-618-200-7

1ª edição: 250 exemplares
Outubro de 2008
Publicação nº 306

Revisão de Luís Filipe Coelho

Colecção TEORIA DA CONTINUIDADE PLAEOLÍTICA, 2
Dirigida por Xaverio Ballester
www.continuitas.com

www.apenas-livros.com

Texto da conferência plenária realizada no «2º Congresso Internacional de Onomástica Galega» (Pontevedra, 19-21 de Outubro de 2006) para ser editado nas respectivas Actas.

Os viajantes contemporâneos repetem, sem o saber, as grandes migrações. Há já alguns anos, viajando de Itália até esta bela terra oceânica, tínhamos pensado em repetir, à nossa pequena escala, o itinerário milenar dos povos célticos que povoaram a Europa na Idade do Ferro. Ao fim de alguns anos, verifico: na realidade, o quadro das referências cronológicas e histórico-culturais que as filologias e as dialectologias românicas continuam a utilizar nas suas pesquisas está hoje radicalmente modificado e, também, que a imagem dos colonizadores celtas da Europa, segundo um vector de um suposto movimento de leste para oeste, deve ser reapreciado de um modo radical. Assim, na verdade, a Galiza, com a sua específica situação geográfica e linguística, torna-se um território privilegiado para elaborar e fortalecer uma nova síntese sobre as origens etnolinguísticas da Europa.

1. As principais teorias sobre as origens indo-europeias

Agora, no prosseguimento da nossa exposição, é necessário voltar a explicar, ainda que de maneira sucinta, as principais teorias sobre as origens da língua indo-europeia. A teoria tradicional – na sua versão mais recente e, em certo sentido, na sua versão mais autorizada, elaborada por Marija Gimbutas (1970, 1973a, 1973b, 1977, 1979, 1980, 1982, 1990a, 1990b) – dominou os estudos glotológicos sem ser rebatida, até há cerca de vinte anos. Segundo esta teoria, como sabeis, os Indo-Europeus eram na origem um povo de pastores, cavaleiros-guerreiros, que viveu correlacionado com a cultura do IV milénio, isto é, a da Idade do Cobre ou Calcolítico: cultura também chamada dos *kurgan*

(palavra russa de origem turco-tártara, que significa «túmulo funerário»). Provenientes das estepes da Ucrânia, estes pastores guerreiros aderiram, depois, às culturas chamadas do *Machado de Combate* e a seguir invadiram a Europa em diversas vagas, exterminando ou submetendo as populações autóctones do continente europeu e substituindo todas as línguas preexistentes pela sua própria língua. A teoria da invasão calcolítica apresenta portanto um quadro que se poderia definir como apocalíptico e que implica, além disso, a estranha ideia de uma absoluta superioridade da população imigrada sobre a autóctone, pressupondo um baixo nível das civilizações europeias precedentes, supostas, então, pré-indo-europeias.

Não é por acaso que este panorama remonta ao século XIX, isto é, que tenha sido elaborado num contexto no qual nasceu também a ideologia ariana: basta folhear os livros dos fundadores do indo-europeísmo para encontrar um número impressionante de referências à raça ariana, destinada a conquistar o mundo!

Voltando aos aspectos linguísticos, neste quadro tradicional a diferenciação do indo-europeu comum nas diversas línguas indo-europeias teria sucedido só a partir do IV milénio a. C., por efeito dos diferentes substratos encontrados pelos pastores guerreiros, durante as suas vagas expansionistas. Assim, naturalmente, neste quadro de referências, partindo de uma teoria e de uma cronologia segundo as quais o indo-europeu indiferenciado ainda existiria no Calcolítico, não pode haver alternativas à ideia de que o latim teria «nascido» pouco antes do I milénio, tendo tido uma vida muito breve, e à ideia de que os dialectos românicos se situam depois do final do Império Romano e de que o seu desenvolvimento teria ocorrido no decurso da Idade Média. Isto é o que aprendemos e o que ainda lemos nos manuais de Filologia e de Linguística Românica.

Nos últimos 40 anos, felizmente, enquanto a linguística continuou a trabalhar de modo auto-referencial, baseando-se neste paradigma, outras disciplinas, e entre elas, em particular, a arqueologia, deram enormes passos em frente: em primeiro lugar, com a descoberta de métodos de datação cada vez mais precisos que impuseram uma mudança radical de todas as datações da pré-história europeia, tornando-a muito mais antiga do que as tradicionais; em seguida, com o desenvolvimento de metodologias de análise e de interpretação cada

vez mais sofisticadas, que conduziram a uma gradual revisão das concepções tradicionais sobre a pré-história europeia.

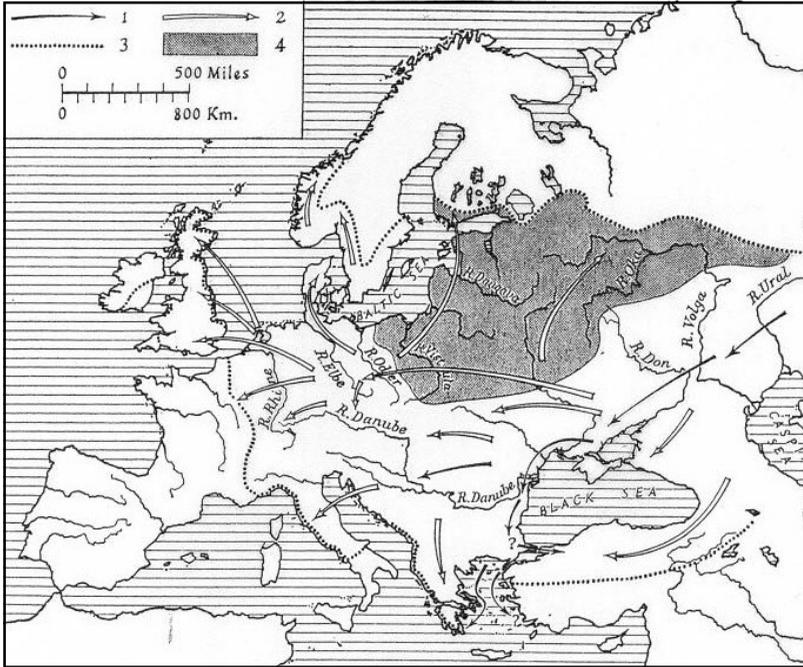


Fig. 1. A grande invasão indo-europeia segundo Marija Gimbutas (a cinzento, a área do Machado de Combate): só as setas pretas têm correspondência com a documentação arqueológica; as brancas são imaginárias!

O primeiro dado importante que sobressai da investigação arqueológica é a eliminação, ou em todo o caso, o redimensionamento, do presumível papel das invasões. O segundo dado é o acentuar dos aspectos da continuidade e a maior importância atribuída aos desenvolvimentos internos de tipo económico e social, na evolução histórica. No quadro desta revisão radical da pré-história europeia, começou cada vez mais a duvidar-se da sustentabilidade da teoria tradicional das invasões calcólicas. De facto, existem demasiadas provas positivas da continuidade étnica e cultural das várias regiões europeias para se poder manter a

tese da *Grande Invasão*, sem cair em contradição com a documentação arqueológica. Pode afirmar-se que hoje já nenhum arqueólogo acredita seriamente na teoria tradicional sobre as origens dos Indo-Europeus.

O êxito desta certeza ficou a dever-se ao progresso de toda a investigação arqueológica moderna, desde Gordon Childe até hoje; mas o estudo arqueológico que trouxe explicitamente à luz do dia o problema indo-europeu e que mais contribuiu para demolir a teoria tradicional e para difundir novas ideias, foi o do arqueólogo inglês Colin Renfrew, surgido em 1987 e intitulado *Archeology and Language: the Indo-European Puzzle*. Neste livro, Renfrew apresentou, de modo sistemático, os argumentos críticos que impedem admitir uma grande invasão, seguida de substituição etnolinguística na época calcolítica, impedindo, portanto, que se identifiquem na cultura *kurgan* as origens dos povos indo-europeus. Para além de demolir a teoria tradicional, Renfrew propôs uma nova teoria das origens indo-europeias. Para a construir, baseou-se numa conclusão fundamental da investigação arqueológica moderna: no novo quadro da continuidade geral da pré-história europeia, o único momento de relativa descontinuidade que, de alguma maneira, poderia estar relacionado com uma grande mudança cultural e linguística, é o do início da agricultura, cerca do VII milénio. Em termos arqueológicos, este momento define-se como o início do Neolítico e o seu processo intitula-se neolitização. Deste modo, Renfrew substitui a invasão da Europa no Calcolítico por parte de guerreiros *kurgan*, por uma invasão pacífica no início do Neolítico, por parte dos primeiros agricultores e faz, assim, coincidir o processo de difusão da agricultura com o processo de difusão das línguas indo-europeias. Efectivamente, na Europa, tal como noutros locais, a agricultura provém da região chamada Crescente Fértil, no Médio Oriente, desde sempre considerada o berço da agricultura, e tem o seu primeiro centro europeu nos Balcãs. Aqui, no VII milénio, desenvolveu-se um complexo cultural intitulado precisamente Neolítico Balcânico, logo seguido de um outro, na região do alto Mediterrâneo central e ocidental, chamado cultura da *Cerâmica Impressa/Cardeal*. Dois milénios depois, no V milénio, na Alemanha, desenvolve-se a cultura da *Cerâmica Linear*. Renfrew vê, assim, no complexo neolítico balcânico a matriz das línguas indo-europeias da Europa Oriental, ou seja, principalmente o grego, o ilírico e o eslavo; no da *Cerâmica Impressa/Cardeal* do VII milénio, a matriz do grupo itálico e

no da *Cerâmica Linear* a matriz do grupo germânico. Assim, segundo a sua teoria, o céltico ter-se-ia desenvolvido mais tarde, quando a agricultura alcança também o Noroeste da Europa (cf. também Renfrew, 1992, 1996, 1998, 2001).

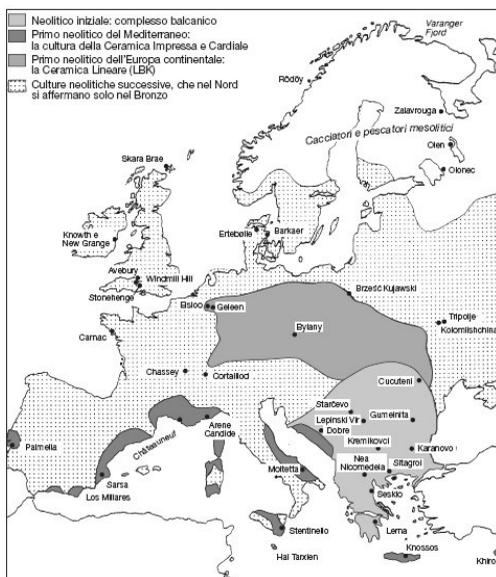


Fig. 2. As grandes culturas do Neolítico Antigo (VII-V milénio a. C.) e as que lhe sucederam na Europa [segundo Clark 1977].

2. A Teoria da Continuidade Paleolítica

Ainda que, de início, os indo-europeístas tenham repudiado decididamente esta teoria, actualmente, ela começa a ser considerada com uma certa atenção por parte de alguns deles. Contudo, a ideia de uma invasão neolítica de grandes dimensões foi prontamente criticada pelos próprios arqueólogos especializados no estudo da transição do Mesolítico para o Neolítico. Estes conseguiram facilmente demonstrar que a neolitização da Europa não foi realizada em consequência de uma grande invasão que teria atingido todo o continente, mas devido a um complexo processo de difusão dos produtos e das técnicas da agropastorícia, ao qual se juntaram modestos contributos migratórios que só interessaram à região balcânica, à Alemanha, em menor dimensão à

área mediterrânica centro-ocidental e nada, de facto, ao resto da Europa. Mesmo nas regiões acima citadas, não houve qualquer invasão, tendo sido os próprios mesolíticos locais a aprender com os recém-chegados as novas técnicas de produção e a aplicá-las no seu território. Baseada nesta crítica de carácter arqueológico à teoria de Renfrew, foi formulada uma outra teoria sobre as origens indo-europeias, segundo a qual os Indo-Europeus não teriam vindo nem da Ucrânia, como guerreiros, nem do Médio Oriente, como agricultores, mas que seriam os herdeiros das populações que se encontravam na Europa desde sempre, isto é, desde que o *Homo sapiens sapiens*, proveniente de África, se expandiu pelo velho continente, no Paleolítico. Esta teoria é ilustrada analiticamente numa obra de dois volumes, com 2000 páginas, intitulada *Origine delle lingue d'Europe*, cujo primeiro volume saiu em 1996 e o segundo, em 2000 (Alinei, 1996-2000). Quase ao mesmo tempo, também o arqueólogo belga Marcel Otte apresentou uma teoria muito semelhante (Otte, 1997), à qual, logo a seguir, igualmente aderiu o arqueólogo alemão Alexander Hausler (Hausler, 1998). Em torno desta teoria, intitulada *Teoria da Continuidade Paleolítica*, nasceu um grupo de investigação de que fazem parte linguistas, filólogos, historiadores, geneticistas e arqueólogos e que publica os seus trabalhos num *site* da Internet, constantemente actualizado, www.continuitas.com. A *Teoria da Continuidade* reconcilia finalmente a linguística comparada com os temas propriamente evolutivos e histórico-linguísticos, com os resultados das investigações mais recentes da paleontologia e da arqueologia. Esta defende, no essencial, que a pátria originária dos Indo-Europeus seria a África, ou seja, a mesma de toda a população moderna e de todos os grupos (*phyla*) linguísticos do mundo; os mais antigos assentamentos populacionais europeus fora de África correspondem aos territórios ocupados actualmente pelas próprias línguas indo-europeias; segundo as primeiras datações indicadas pelas investigações, a Europa teria sido povoada pelos Indo-Europeus, juntamente com outras populações não indo-europeias, mais tarde presentes historicamente *in loco*, como por exemplo, os Urálicos: a relação etnolinguística pré-histórica entre os Indo-Europeus e os outros povos euro-asiáticos teria sido assim uma relação de adstrato/parastrato e não de superstrato/substrato; de facto, à chegada dos Indo-Europeus e dos outros povos, coincidente com o primeiro povoamento euro-asiático do *Homo sapiens sapiens*, o assim

chamado substrato indo-mediterrânico não existiria, tal como não existiriam povos pré-indo-europeus; as línguas indo-europeias e também as não indo-europeias presentes no território euro-asiático estariam já formadas a partir pelo menos do Mesolítico; excluir-se-ia qualquer invasão maciça no Neolítico e no Calcolítico e as poucas invasões e infiltrações locais comprovadas pela arqueologia ou pela reconstrução feita pela genética constituiriam factores de hibridização e não de substituição; a agricultura ter-se-ia difundido na Eurásia segundo um modelo complexo, baseado na integração, em mosaico, de desenvolvimentos locais, de aculturação e de uma limitada difusão dêmica por parte de grupos não indo-europeus.

3. A região mediterrânica e ibérica no quadro da *Teoria da Continuidade*

A *Teoria da Continuidade Paleolítica* obriga a uma alteração radical da cronologia e do cenário dos acontecimentos e obriga a rever, de modo igualmente radical, o processo de evolução linguística nas diversas regiões linguísticas europeias. Vamos aqui debruçar-nos sobre algumas consequências da *Teoria da Continuidade* para a história linguística e cultural da Galiza.

No âmbito da *Teoria da Continuidade*, o quadro linguístico do Mediterrâneo Central e Ocidental ter-se-ia já formado nos finais do Paleolítico e durante todo o Mesolítico. Isto porque a Europa mostra, já muito antes do Mesolítico, ou seja, muito antes de cerca do X milénio a. C., um elevado grau de diferenciação cultural, o que deve necessariamente reflectir também um elevado grau de diferenciação linguística. Se tomarmos como exemplo a região mediterrânica, vemos que já nos finais do Paleolítico, cerca do XIV milénio a. C., ela é caracterizada pela cultura do Epigravetense, a partir da qual depois se desenvolveram, por evolução endógena, as culturas mesolíticas denominadas Sauveterrense e Castelnuviense. Torna-se, pois, necessário assumir que o grupo linguístico, a que poderíamos chamar ibero-dalmático ou, talvez, ibero-occitálide (de ibérico, de occitano e de itálide), já estaria diferenciado dos outros grupos linguísticos nos finais do Paleolítico. Na teoria de Renfrew, pelo contrário, estas culturas teriam sido de tipo pré-indo-europeu. Se passarmos ao Neolítico, isto é, ao VII milénio a. C., verificamos que, na região mediterrânica, a primeira cultura neolítica é a da

Cerâmica Impressa/Cardeal. Ora, no quadro da *Teoria da Continuidade*, esta cultura teria sido produto do desenvolvimento interno das culturas precedentes, mesolíticas e paleolíticas, com uma modesta contribuição imigratória. No quadro da teoria de Renfrew, pelo contrário, a emergência desta cultura assinalava a chegada de indo-europeus ainda indiferenciados e a sua transformação num grupo posterior, por efeito do substrato pré-indo-europeu sobre os recém-chegados. A consequência para a linguística românica é, em todo o caso, perturbadora: mesmo aceitando a opinião de Renfrew, deveremos datar os antepassados dos Latinos pelo menos do VII milénio a. C., em vez do III milénio, uma diferença de quatro milénios, o que traz consigo enormes implicações.

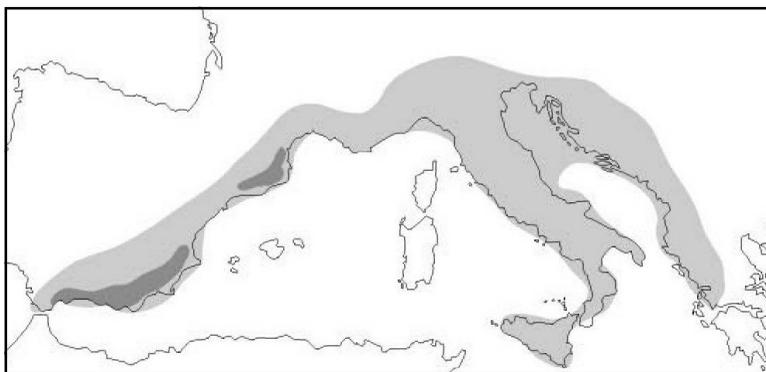


Fig. 3. A cultura paleolítica do Epigravetense, no XXIV milénio a. C., que na TCP poderia corresponder já a um grupo ibero-occitãlide de um ramo indo-europeu.

Mas vejamos a região ibérica. Este território é, de todos, o que mais desmente a teoria de Renfrew: se, de facto, a sua teoria formula uma equação em que neolitização = indo-europeização, verifica-se, em vez disso, que na antiga *Hispânia*, a área mais neolitizada é exactamente a menos indo-europeia (como notou recentemente Hernando, 1999). Efectivamente, além de resultar pouco credível a ideia de que os agricultores celtas provenientes do Sul de França - isto é, da zona onde está documentada a maior antiguidade da agricultura no Ocidente europeu - se dirigiram para o interior (onde o aparecimento da agricultura é recente), em vez de terem ido para a zona mediterrânica, verifi-

ca-se que a civilização mais «agriculturizada» da Península – seguindo Renfrew, a mais neolitizada e, portanto, a mais indo-europeizada – é a dos Iberos, ou seja, uma civilização não indo-europeia!

Deixemos Renfrew e voltemos à *Teoria da Continuidade*. O que sabemos do Paleolítico no Noroeste da Península não é muito, mas os poucos dados que possuímos já se mostram interessantes para o nosso discurso. Antes de mais, procuremos visualizar, na medida do possível, a situação ambiental dessa época: todos sabemos que, durante a última glaciação – iniciada há 70 000 anos e cujo máximo aconteceu há 25 000 anos –, eram precisamente as regiões meridionais da Europa as únicas zonas habitáveis, provavelmente por algumas dezenas de milhares de *Homo sapiens sapiens*, os únicos hominídeos sobreviventes sobre a Terra. Durante o período glacial, as ilhas Britânicas, cobertas de gelo, estavam «pegadas» ao actual continente; o Adriático quase não existia; e a África e a Europa estavam unidas, não só no actual Gibraltar, mas também onde agora se encontra a Sicília. A partir de há 13 000 anos, com o aumento da temperatura, os glaciares começaram a recuar, com o consequente aumento do número de rios, a subida do nível do mar e um aumento da superfície ocupada pelas águas.

4. A Galiza, do Paleolítico ao Mesolítico, e a sua interpretação à luz da TCP

O que sabemos acerca do povoamento da Galiza, nessa época?

Os achados paleolíticos galegos «clássicos» são os de Vilaselán e os das grutas de Valiña, no Norte, os de Piteira, Chaira e Pazos, no centro, e os de Budiño, Tortoreos e Portavedra, no Sudoeste. Segundo o recente estudo destes achados, por parte de Rosa Villar Quinteiro e de César Llana Rodriguez (Villar Quinteiro, Llana Rodriguez, 2001), estas jazidas permitem estabelecer, na Galiza, a existência de um povoamento antigo que remontaria ao Paleolítico Inferior. Trata-se de sítios situados em terraços, frequentemente perto de vias de comunicação entre a costa e o interior: a sua localização demonstra uma relação evidente entre a necessidade de desfrutar de matérias-primas e, também, uma função de controlo do território, estreitamente ligada à civilização dos caçadores paleolíticos.

O que interessa à nossa exposição, valorizando a pré-história da Galiza no conjunto da ibérica, em geral, é a prova (investigada por

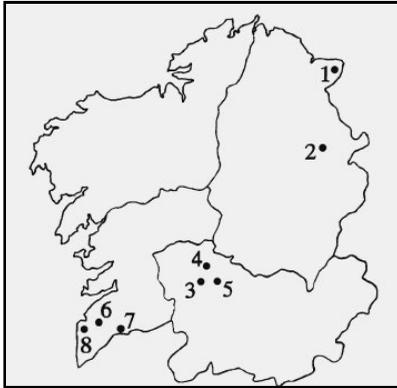


Fig. 4. Localização dos achados paleolíticos galegos: Lugo: 1. Valselán; 2. – Valiña. Orense: 3. Piteira; 4. Chaira; 5. Pazos. Pontevedra: 6. Budiño; 7. Tortoreos; 8. Portavedra (segundo Villar Quinteiro, Llana Rodriguez, 2000; 123).

Zilhão e d'Enrico, 1999, 2000) de uma nítida demarcação regional entre o Norte e o Sul, com a forte presença, embora tardia, de Neandertais a sul do rio Ebro e de *Homo sapiens*, a norte. Aprofundando esta tese e projectando-a numa escala cronológica mais recente, Vega (1988,1990, 1999) fala de fronteiras dinâmicas e em movimento, com o avanço gradual do *Homo sapiens sapiens*, vindo da zona cantábrica em direcção à costa mediterrânica. Estes dados são de grande relevância: num plano vectorial, isto identifica, de facto, uma direcção nordeste-sudoeste da civilização *sapiens sapiens* na Península Ibérica. A estes dados pode acrescentar-se, segundo as conclusões de estudiosos como Raposo (1993) – que analisou as jazidas da zona ocidental da província de Lugo –, que há claros indícios de uma continuidade cultural entre a cultura do Paleolítico Superior e o Mesolítico na região ibérica norte-ocidental, enquanto faltam por completo vestígios de invasões, relativamente ao período tardiglaciário, isto é, referentes a 10 000–5000 anos a. C. Mais ainda: José Maria Bello fala mesmo de uma evidente continuidade tipológica da indústria dos *seixos afeixoados* até às jazidas da época romana: «a possibilidade da existência de uma continuidade das indústrias dos *seixos afeixoados* durante todo o Paleolítico, prolongando-se para além deste pelas idades do Bronze e do Ferro, até bem entrada a época romana, tal como demonstram as jazidas do Bronze Final de *Portocelo*, as castrejas de *A Forca* e a galaico-romana de *Santa Trega*» (Bello – De la Peña, 1995; p. 78).

Visto que para a Teoria da Continuidade houve uma deslocação dos pescadores paleolíticos da costa cantábrica para à Galiza e Portugal –

num período durante o qual, de um ponto de vista geográfico, também a Irlanda e a Grã-Bretanha ainda estava unidas ao continente – e visto que essa civilização de pescadores coincide, de acordo com esta concepção, com a protocéltica, o quadro traçado por estes recentes estudos arqueológicos e paleontológicos – a determinar uma essencial continuidade entre a civilização do Paleolítico Superior e a do Mesolítico no noroeste de Espanha – coincide com a ideia – só aparentemente ousada – de uma celtização da Galiza já levada a efeito na época do Mesolítico. Isto deve ter acontecido quase em simultâneo com a emergência, na parte meridional da Península, da unidade etnolinguística a que chamamos ibero-ocitânica. Isto é, a Galiza deve ter representado uma região *originariamente* céltica, enquanto os territórios do Celtibérico teriam representado uma tardia variante «colonial» do Céltico, ou seja, uma variante dos celtas imigrados em direcção ao interior e ao sul da actual Espanha, na pré-história mais recente.

5. O celtismo atlântico da Galiza

Esta visão introduz o problema do celtismo da Galiza, debatido desde sempre (com as conhecidas e acérrimas oposições entre celtocépticos e celtomaníacos: cf. Santana, 2002), e dá-lhe uma resposta positiva: de facto, não só os territórios da actual Galiza foram povoados por populações célticas, como, desde o Paleolítico, já faziam parte, juntamente com as actuais Ilhas Britânicas – na época ainda não eram ilhas – e com os territórios do Ocidente atlântico francês, da pátria originária do protocéltico. Esta unidade cultural atlântica torna-se evidente através de cinco factores, pelo menos: de tipo genético, de tipo lendário, de tipo arqueológico-cultural, de tipo mitológico-religioso; e o quinto factor – o mais importante – é representado pelo fenómeno do megalitismo.

5.1. Factor genético: em primeiro lugar, estudos recentes demonstraram que a componente genética da população ocidental das actuais ilhas Britânicas é a mesma que a do Noroeste da Península Ibérica: o mapa do ADN, elaborado há pouco tempo pela equipa oxfordiana de Bryan Sykes, não deixa quaisquer dúvidas a esse respeito (Sykes, 2006).

5.2. Factor lendário: as lendas, atestadas na época irlandesa antiga, referentes à proveniência dos povos irlandeses da Península Ibérica não podem ser interpretadas como testemunho de uma autêntica colonização (relativamente à qual não existe o mínimo vestígio arqueológi-

co), mas como vestígios de uma comum identidade cultural e linguística original, anterior à separação da actual ilha irlandesa do continente: portanto, não foi a deslocação migratória de homens a provocar a sua separação, mas sim uma deslocação tectónica de terras.

5.3. Factor arqueológico-cultural: relativamente à homogeneidade irlandesa, britânica e do Norte da Espanha, existe uma prova irrefutável de tipo arqueológico-cultural: se, na Europa, se observar a distribuição de determinados

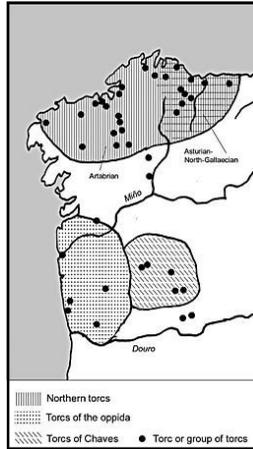


Fig. 5. À esquerda: torque de ouro encontrado junto de Lugo (Pérez Outeiriño, 1980); à direita; distribuição dos achados de torques na Galiza (segundo Gonzalez-Ruibal, 2003).

objectos arqueológicos, descobre-se que alguns deles pertencem exclusivamente a esse território, antigamente coeso, que compreende a Galiza, a Espanha do Noroeste, a Bretanha, a Irlanda, Gales e a Escócia: isto é observável, em particular, na distribuição geográfica de achados, tais como os torques de ouro e os caldeirões. No que respeita aos primeiros, encontraram-se na Galiza cerca de 150, 90 por cento dos quais achados junto à

costa (cf. Monteagudo, 1952; Prieto Molina, 1996; Fernandez Carballo, 2001). Trata-se de objectos de ouro, com muitas semelhanças com os da Irlanda, da Bretanha e de Gales (em contraste com os manufacturados em prata, na região mediterrânica (Queiroga, 1987; Castro Perez, 1992). No que respeita aos caldeirões de bronze, estes são objectos típicos, em particular, da Irlanda ocidental; a peculiaridade dos galegos é o facto de a sua decoração ser praticamente idêntica à dos caldeirões encontrados na Finisterra bretã (Almeida, 1980). A propósito dos torques e dos caldeirões galegos, Barry Cunliffe menciona especificamente uma «unidade cultural atlântica» (Cunliffe, 2001). Em seguida, no

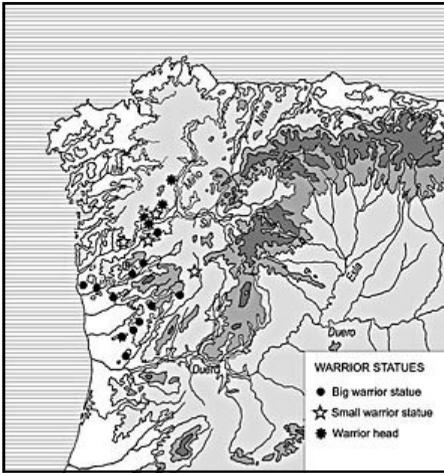


Fig. 6. Distribuição de estátuas-menires na Galiza (segundo Gonzalez-Ruibal, 2003).

plano arquitectónico, à mesma região homogénea pertencem estruturas defensivas, tais como os *cavalos de frisa*, pedras defensivas colocadas diante de muralhas (também presentes na Alemanha, no entanto), ou «monumentos», tais como as estátuas-menires: estas últimas existem significativamente na Galiza sob as três formas de expressão conhecidas na zona atlântica, sendo não só estátuas de guerreiros (como os que se encontram igualmente na região occitana e tirrenaica), mas também estátuas de divindades masculinas sentadas e estátuas de divindades femininas:

referem-se as de Logrosa e Carabeles (Coruña), de Límia e Pedrafita (Ourense); esta pluralidade de expressões, quando especialmente confrontada com testemunhos fragmentados do fenómeno surgido noutras regiões, indicia evidentemente a sua proveniência originária da região em apreço.

5.4. Factor mitológico-religioso: no resumo do historiador latino Floro, sobre a invasão romana da Galécia, lemos que os soldados de Bruto, ao passarem o rio Lima, entraram em pânico ao contemplarem o Sol poente que nele se reflectia, causando, além disso, o aumento das águas. Esta passagem pode relacionar-se com o relato de Estrabão referente a um misterioso promontório, local de culto entre uma população céltica do Sudoeste da Península Ibérica – portanto sempre na costa atlântica: quatro grandes pedras estavam orientadas na direcção do Sol poente e eram banhadas pela água do mar, causando a subida das próprias águas e fazendo do lugar um espaço sagrado inacessível (García Quintela, 1997). Esse mesmo local (cabo de São Vicente) é descrito pelo historiador medieval árabe Idrisi como a «igreja dos corvos», porque a presença de misteriosos corvos tê-lo-ia preservado de eventuais invasões. Trata-se de uma lenda idêntica à narrada no *Mabinogi* galês de



Fig. 7. Duas das inscrições de Donón (Pontevedra): *DEVS LARIVS BREVS SANCTVS*. *Inscrições do farol de Donón (Pontevedra) (Baños e Pereira Menaut, 1998, pp. 21-44): a) Deo Larivo Breo Bro sancto; b) [Deo Lari] bero Breo aram pos[uit].*

Branwen, na qual a cabeça do deus Bran (o corvo) protege Gales de eventuais invasões, e reflectida também na história de Brennos, o chefe que saqueou o santuário de Delfos em 279 a. C e dos seus restos expostos frente ao mar –

segundo Pausânias – que protegeram os Volcos Tectosagos de Tolosa das incursões romanas (Benozzo, 2006a, 2006c). Pode acrescentar-se que exactamente aqui, nos arredores de Pontevedra, durante as escavações de 2003, foi encontrada uma das mais importantes inscrições votivas, dedicada ao *Deus Larius Breus Brus Sanctus*; não parecem restar dúvidas sobre a identificação desta divindade com uma figura mitológica ligada a Brennos/Bran, o deus-corvo da mitologia céltica (a queda do -n- é uma tendência arcaica bem documentada também na toponomástica da Galiza: recorda-se os casos de Tena > Tea, Taranes > Taraes, *Abellanetum > Abellaído, Tardenatus > Tardeado, Tredones > Trios: cf. Bascuas, 2006, p. 366). Trata-se de uma divindade

cujos cultos demonstra ligação com crenças das populações circumpolares e que deve remontar – tal como argumentámos numa obra recente (Benozzo, 2007a) – a um período certamente anterior ao Mesolítico.

Ainda no âmbito das referências mitológico-religiosas, cumpre assinalar os «santuários solares» (ou melhor, «solsticiais») de que se descobriram vestígios, recentemente, perto dos cumes das montanhas, frente ao oceano (cf. García Quintela *et al.* 2003, García Quintela, Santos Estevéz, 2006). Trata-se dos santuários de Corme, Pedrafita, Fentans em Campolameiro, e O Raposo. Nestas construções encontram-se buracos nas rochas, através dos quais (como recentemente demonstrou Gonzalez-Ruibal) ao pôr do Sol dos dias 1 de Agosto e 1 de Novembro (isto é,

nos dias das mais conhecidas festividades do calendário céltico: Lughnasad e Samhain), os raios de luz vêm iluminar um ponto interior do «santuário» onde devia ter existido um túmulo.

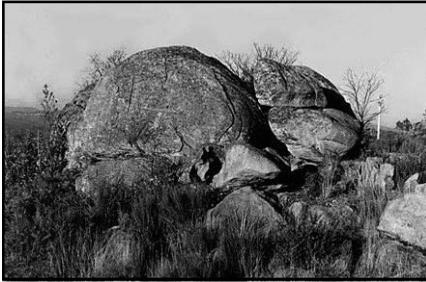


Fig. 8. Fotos do santuário solsticial de O Raposo (segundo García Quintela, 2006).

A analogia com o santuário «atlântico» irlandês de Newgrange é deveras impressionante. O estudo pormenorizado de Gonzalez-Ruibal é esclarecedor; o seu único defeito é o de datar dos primeiros séculos antes da nossa era um rito solar deste tipo: um defeito justificado pela falta de um quadro de referências de longa duração, dado que, para a teoria tradicional, os Celtas só aqui chegaram muito tardiamente – se é que alguma vez chegaram à Galiza –, quase no tempo da última romanização, depois de terem atravessado toda a Europa, na qual já se encontravam há cerca de 700 anos. Na interpretação da *Teoria da Continuidade*, pelo contrário, até os «santuários solsticiais» em questão encontram uma datação bem mais credível num horizonte pelo menos mesolítico tardio. De facto, dificilmente se pode pensar que fenómenos complexos como os de Newgrange, na Irlanda (datado de 2475 a. C.), ou os destes santuários galegos tivessem surgido por via poligenética; é mais verosímil afirmar que deveriam pertencer a uma civilização coesa, isto é, anterior à separação das ilhas do continente.

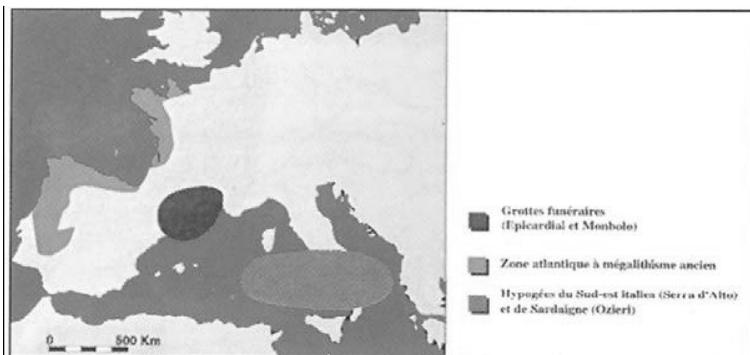


Fig. 9. Mapa do megalitismo atlântico (região galaico-bretã), juntamente com as grutas funerárias e os hipogeus do sul de Itália (segundo Guillaîne, 1997, p. 411).

5.5. Megalitismo

5.5.1. Com as estátuas-menires e, sobretudo, com os «santuários solsticiais» aproximamo-nos de um argumento crucial para a nossa exposição: o do megalitismo galego no contexto do megalitismo europeu. Os megalitos galegos, (os conhecidos até hoje são mais de 5000) representam, a seguir aos da Bretanha, os exemplos mais antigos de sepulturas monumentais colectivas. A importância dos megalitos para a pré-história europeia é enorme e ainda alcançou mais importância quando a revolução do radiocarbono demonstrou que estas construções europeias são francamente mais antigas do que as orientais egípcias e gregas e que devem ser consideradas como uma expressão europeia originária e não importada. A área de distribuição dos megalitos europeus é preponderantemente marítima e, à excepção do Sul da Itália, onde também estão presentes, poder-se-iam definir como uma expressão da cultura atlântica. A área compacta e as características unitárias do megalitismo não permitem, por isso, dar-lhe uma explicação com base poligenética; é, assim, legítimo e sensato admitir um centro original, com uma ou mais áreas de reelaboração. De acordo com a Teoria da Continuidade, a província megalítica está correlacionada com a região céltica de um modo absolutamente elementar: de facto, basta observar que a Irlanda, inteiramente céltica, é toda megalítica (com monumentos datados de 3700 a. C.); que, na Grã-Bretanha, as áreas de máxima densidade megalítica

são as célticas de Gales, da Cornualha e da Escócia (também aqui os megalitos mais antigos são do IV milénio) e que, em França, tal como já dissemos, estão presentes os primeiros megalitos europeus e estão presentes na sua zona mais céltica, ou seja, a Bretanha, onde remontam à primeira metade do V milénio, isto é, a uma época ainda mesolítica. É, portanto, uma consequência lógica pensar que a região céltica tenha sido o centro, e as outras (como o Sul de Itália) tenham sido áreas de difusão secundária. Desta região originária, como temos vindo a verificar, deveria fazer parte também a Galiza onde, de facto, estão presentes os mais antigos megalitos europeus, depois dos bretões (com efeito, estão datados entre o V e o IV milénio) (Fábregas, 1988, 1991).

5.5.2. Para além disso, como demonstração da primordialidade do fenómeno na região galega, já ficou dito que aqui estão presentes (e co-presentes) todas as três tipologias do megalitismo europeu:

a) a das antas (recorde-se, *no distrito da Corunha*, as antas de Pedra Moura de Aldemunde, Pedra de Arca, Pedra Vixia, Arca de Piosa, Casiña da Moura, Casa dos Mouros, Casota de Berdoias, Cova da Moura; *no distrito de Lugo*, as antas de Roza das Modias, Santa Mariña, Mollafariña, Chao de Mazós, Abuime, Moruxosa; *no distrito de Orense*, as do Outeiro de Calade, Mota Grande, Casola do Foxo; e aqui, *no distrito de Pontevedra*,

as de Mamoa do Rei, em Vila-boa, Chan de Castañeiras, Chan de Armada, Chan de Arquilha, O Meixoeiro);

b) a dos menires (em particular, o menir de Cristal de Ribeira, no distrito da Corunha, o de Pedra Chantada em Vitalba (no distrito de Lugo), o de Pedra Alta e o famosíssimo da Lapa de Gargantáns, no concelho de Moraña, no distrito de Pontevedra);

c) para além das antas e dos menires, estão ainda presentes os círculos de pedras, nomeadamente o do Freixo



Fig. 12. Mapa dos principais megalitos galegos.

(no distrito da Corunha), o de Prao das Chantas (no concelho de Valadouro, no distrito de Lugo), com os seus cerca de cento e um metros de diâmetro, orientado segundo o eixo Leste-Oeste.

Um outro sinal da originalidade galega do fenómeno megalítico consiste no facto, francamente invulgar em relação a estes monumentos de alguns deles terem sido erguidos sobre megalitos anteriores. É o caso da anta de Dombate, no concelho de Cabana de Bergantiños (distrito da Corunha), talvez a mais conhecida da Galiza (também pela referência que lhe é feita numa famosa poesia de Eduardo Pondal, escrita em plena época do *Rexurdimento* da cultura galega). Nas escavações dos princípios da década de 90, feitas por José Maria Bello, ficou comprovada precisamente - além da existência de decorações pictóricas, também significativas - a existência de uma anta anterior sobre a qual aquela tinha sido construída (Bello, 1992-1993). Fenómenos deste tipo são interpretados, obviamente, sob o ponto de vista arqueológico, como sinais de uma cronologia de longa duração (Bello, De La Peña, 1995).



Fig. 10. A anta de Dombate (La Voz de Galicia).

5.5.3. Deve assinalar-se, finalmente, que na Galiza, como sucede em quase todas as regiões megalíticas (compreendendo também as não célticas, de megalitismo mais recente; cf. Alinei, 1996-2000, vol. 2, pp. 479-481), os megalitos têm igualmente nomes dialectais de carácter mágico-religioso e que a microtoponomástica dialectal dos sítios nos quais se encontram está ligada a lendas de extraordinário valor para a tese da continuidade do megalitismo até à época histórica. A partir das numerosas

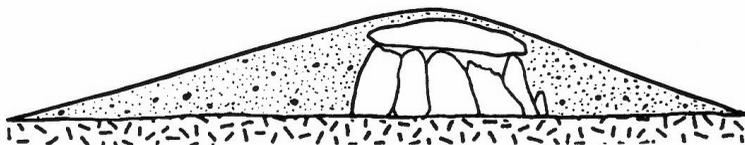


Fig. 11. Perfil reconstruído de uma mamoa (segundo Lema Suarez, 2006).

lendas e dos nomes (*pedra dos mouros, casa dos mouros, pedra da moura*), por exemplo, demonstra-se que, segundo as crenças populares, que foram gigantes, denominados *mouras* (no feminino) e *mouros* (no masculino) (Alonso Romero, 1998, cit. em Lema Suarez, 2006), p. 11), quem construiu os complexos megalíticos, termos esses ligados à raiz céltica *MRVOS, que significa tanto «morto» como «ser sobrenatural» (Benozzo, no prelo c.). Até mesmo o termo *mamoa*, o mais vulgar em galego para designar anta, mostra um interessante desenvolvimento semântico; de facto, esse termo continua, sem dúvida, o latim MAMMULAM, isto é «mama (pequena)» (N.T.: ou «maminha») e este aspecto etimológico – perceptivelmente ligado ao aspecto que antigamente deveriam ter os túmulos que, em muitos casos, deviam cobrir as antas – está evidentemente ligado às lendas segundo as quais os megalitos foram colocados nos lugares em que as *mouras* – epifania mitológica da própria terra – aleitavam os seus filhos. Isto é, a lenda oral, tal como o topónimo dialectal, representa um testemunho precioso e essencial sobre a função mágico-religiosa dos complexos megalíticos: o nome dos megalitos e as lendas a eles associadas devem, de facto, referir-se a um período no qual o aspecto do megalito era diferente do actual (o que resta hoje são apenas os esqueletos, por assim dizer, dos complexos megalíticos originais).

Assim, num quadro de cronologia pré-histórica, pode sublinhar-se que enquanto a imagem do «morto» e do «ser sobrenatural» radicada na etimologia céltica de *mouro/moura* parece reflectir melhor o significado original e autêntico do megalito, a da latina, «maminha», ainda que significativa em sincronia com a paisagem megalítica antiga, parece reportar-se a ideologias mais tipicamente neolíticas (como precisamente a da «mãe Terra»).

Para a *Teoria da Continuidade*, foram os pescadores paleolíticos e mesolíticos celtas da região atlântica central quem construiu estes monumentos antigos na região galego-bretã-céltica insular. Assim, a

tese de Gordon Childe, segundo a qual os «missionários megalíticos», como os denominou, teriam difundido este fenómeno de Oriente (cf. Alinei, Benozzo 2008) para Ocidente, deve ser revista, quanto à sua direcção: também neste caso, o vector de deslocação se processa de Ocidente para Oriente.

6. Outros indícios de celtismo da região galega

No quadro da *Teoria da Continuidade*, o megalitismo céltico da Galiza mesolítica tardia e neolítica deixa imediatamente transparecer um celtismo anterior, vindo do Paleolítico. Tal facto torna-se elemento decisivo para a defesa da hipótese de um protoceltismo da Galiza.

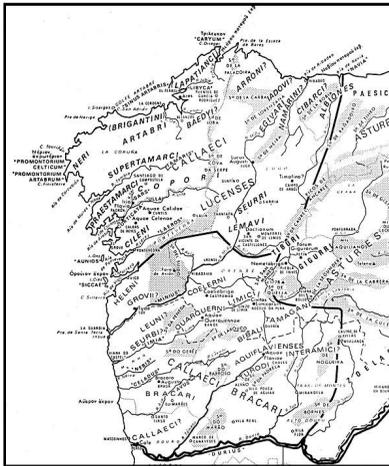


Fig. 13. Mapa das populações pré-romanas no Noroeste da Península Ibérica (segundo Tranoy, 1981).

6.1. *Testemunhos dos autores clássicos.* Para além de vestígios evidentes de uma cultura atlântica originária, a que já fizemos referência, o celtismo da Galiza é demonstrável também através dos testemunhos dos autores clássicos e das inscrições (Balboa Salgado, 1996). Alguns povos são expressamente citados pelos escritores latinos e gregos como sendo de língua céltica: são, do Norte para o Sul, os Artabros, os Nérios, os Supertaméricos, os Prestamarcos, todos situados, não por acaso, na zona costeira.

6.2. *Toponomástica.* Fazendo agora uma breve análise da toponomástica, detectamos a presença de numerosos topónimos de clara origem céltica. Olhemos para nomes referidos por Ptolomeu como: 1) *Nouiom*, que já Holder remetia directamente para o céltico **nowios* ‘novo’; 2) *Olina*, indicando uma raiz **olinā* ‘reviravolta’ (de onde deriva o irlandês *uilen*, o galês *elin*, o cornoico *elin*, o bretão *elin*) encontrada em hidrónimos de origem gálica, como *Olinas* (Orne-Saosnoise) ou *Olina* (Apeninos alto-italianos); 3) *Ocelon*, do céltico **ocelo* ‘outeiro’, raiz muito atestada também nos topónimos galeses, irlandeses e bretões; 4) *Lambris*, um hidróni-

mo que demonstra esplendidamente (como outros topónimos em *-bris* desta região) a presença de um nominativo céltico *-briks*, interessante por ser seguramente mais antigo do que as numerosas formas *-briga*; 5) *Caladunos* (um dos pouco frequentes topónimos célticos em *-dunum* da região ibérica), cujas primeiras sílabas parecem estar relacionadas com o próprio nome da Galiza; 6) *Compleutica/Comploutica*, originalmente um hidrónimo de raiz céltica **plutos* ‘veloz’ (de onde derivou o irlandês *lúath* ‘veloz’); 7) o famoso *Brigantion*, habitualmente identificado com a Corunha, de celtismo evidente e que deve ser colocado em relação com os bem conhecidos dezoito topónimos em *-briga*, desde sempre investigados no âmbito da toponomástica paleoispânica (e sobre os quais surgirá uma actualização de Bascuas, no prelo).

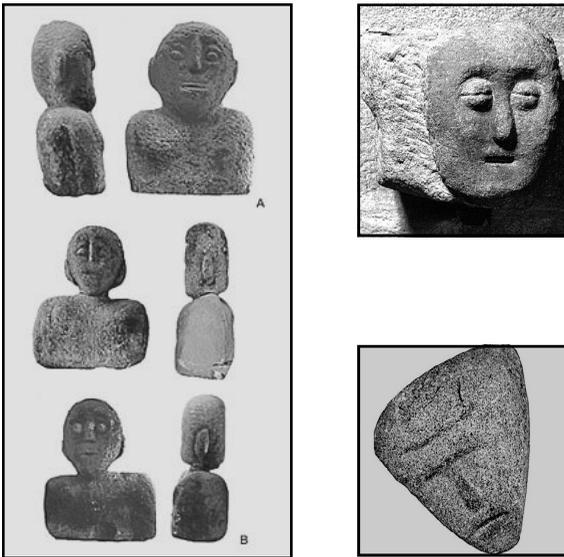


Fig. 14. Exemplos de cabeças cortadas esculpidas galegas; achado em Armeá (Ourense) e Seixabre (Pontevedra) (segundo Pela Santos, 2003).

6.3. Cabeças cortadas. Para além desta questão linguística, e voltando por instantes à arqueologia, um indiscutível indício posterior de celtismo consiste na representação escultórica de cabeças cortadas, em tudo idênti-

cas às *têtes coupées* da região insular e centro-europeia; entre muitas outras, recordem-se apenas as de Chaves, de Armeá (Orense), Cortes, Narla e Barán (Lugo), San Cibrán de Las (Lansbrica, Orense), Gaxate, Ocastro, Moreira Nova, Remesar (Pontevedra), A Graña (Corunha) (cf. Aparício Casado, Almagro-Gorbea, Llorio, 1990. Gonzalez-Ruibal (2003).

7. A região galega como região protocéltica: teónimos, topónimos, fonética histórica, sintaxe

7.1. Teónimos lusitano-galaicos. Lugar à parte merecem os teónimos célticos recentemente estudados por Olivares Pedreño (2005), entre os quais as divindades masculinas *Bandua*, *Arentius*, *Quangeius*, *Reue*, *Crouga*, *Lugus*, *Aernus*, *Cosus Cohue* e as divindades femininas *Nabia*, *Trebaruna*, *Munidis*, *Arentia*, *Erbina*, *Toga*, *Laneana*, *Ataecina* e *Lacipaea*. Significativamente, o investigador nota que a maior percentagem de divindades célticas da Península Ibérica (cerca de 80 por cento) pertence à Galiza e que a área lusitano-galaica é a única, em toda a Hispânia, onde se pode individualizar uma real coesão, um autêntico pan-teão originário, no qual as divindades parecem, em primeiro lugar, representar funções complementares entre si e, em segundo lugar, identificar grupos étnicos tribais bem individualizáveis (Almeida, 1975, Encarnação, 1987). Este facto permite uma única interpretação: as divindades da região galaico-lusitana não foram importadas e sucessivamente assimiladas pelas populações locais: foram veneradas originariamente nesses lugares, uma vez que representam, desde o início, quer etnónimos quer teónimos (Albertos Firmat, 1974, 1985).

Voltemos agora a algumas importantes considerações linguísticas (para este tipo de análise, baseámo-nos também em alguns contributos importantes de Xaverio Ballester 1998-1999, 1999, 2000, 2001a, 2001b, 2004a, 2004b, 2004c).

7.2. Fonética. Patrícia de Bernardo Stempel (2001) individualizou recentemente uma nova tendência fonética do céltico da Hispânia: a antecipação de um /i/ pré-vocálico para a sílaba precedente e a consequente formação de um ditongo descendente com a vogal anterior. Segundo esta tendência, analisada pela investigadora em relação ao celtibérico, os grupos originários do tipo /akia/ tornam-se sucessivamente grupos do tipo /àjka/: um caso evidente é o antropónimo *Ambaicus* (atestado epigraficamente em genitivo: *Ambaici*), que tem um

correspondente no gálico **Ambacius*. Pois bem, esta tendência fonética céltica é bastante mais produtiva na região galaico-lusitana do que na celtibérica: em primeiro lugar, o próprio nome da língua da Galiza, o galego que provém certamente de um originário [**gallákios*], deve ter atravessado uma fase [**gallájos*]. Em segundo lugar, existem inúmeras inscrições galaico-lusitanas que apresentam o fenómeno: pense-se em *Toudopalandaigae* (Cáceres) (provável epíteto de uma divindade), cuja segunda parte pode interpretar-se como a evolução de um precedente **palantaciae*; ou, ainda, em *Anabaraeco* (Orense), proveniente de um precedente **Anabrakio*; em *Paramaeco* (Lugo), de um precedente **Paramakio*; em *Veigebreago* (Orense), de um anterior **Veigebraquio*, com sonorização; em *Soaego* (Pontevedra), de um anterior **Soakio*, também aqui com sonorização (para todos estes dados, cf. Ballester, 2001b). A lista poderia alongar-se muito mais. Este protoceltismo fonético da região galaico-lusitana reflecte-se significativamente, num quadro de continuidade, nas falas galaico-portuguesas, onde encontramos o mesmo processo de antecipação nas formas como *besteiro* (de *ballestrarius*), *vigairo* (de *vicarius*), *importainça* (lado a lado com *importância*).

Também a sonorização das consoantes surdas intervocálicas (notoriamente um fenómeno céltico), que vimos apenas em algumas inscrições – e que está com efeito melhor documentada nas inscrições galaico-lusitanas do que nas celtibéricas –, pode ser considerada um fenómeno próprio e originário da área em questão: pense-se nas formas que apresentam uma consoante sonorizada /g/ em casos em que o celtibérico apresenta /k/, como por exemplo, *Aegiamunniago* (Orense), *Combiciego* (Orense), *Daviniago* (Lugo), *Oenaego* (Lugo), *Magareaigo* (Castelo Branco), *Soaego* (Pontevedra): também aqui se pode relacionar este fenómeno, num quadro de continuidade, com a palatalização e para a lenição, fenómenos notoriamente mais activos nas actuais falas galaico-portuguesas do que em qualquer outro local do centro peninsular.

Há um último dado fonético que mergulha no protoceltismo, isto é, num celtismo originário e remoto, da região ibérica do Noroeste. Trata-se de um fenómeno que, na visão tradicional, é utilizado exactamente para excluir a Galiza do mundo céltico: a conservação da consoante /p/, em posição inicial e pré-vocálica. Referimo-nos a exemplos conhecidos, como os termos *Parami* (que aparece numa ara votiva dedi-

cada a Diana, com reflexos nos topónimos actuais Páramo e Paramillo), *Parameco*, *Porgom Conboutum*, *Pembelorum*, *Penti*, *Pentilia*, *Pisoraca*, *Porgum*, *Praisom*, *Trebopala*. Como é sabido, este fonema, presente no chamado céltico «comum», desaparece em todas as línguas célticas históricas. A sua presença no galaico (e no lusitano) é suficiente para a teoria tradicional falar do não-celtismo da Galiza; como recentemente defendeu Xaverio Ballester (2004c), o problema está ligado à situação geográfica: se uma língua falada num território considerado originariamente céltico pela teoria tradicional, num qualquer território do centro europeu, mostrasse uma presença de /p/ pré-vocálico, esse vestígio conservador seria interpretado, sem problema, como resíduo *in situ* do celtismo originário do fenómeno, anterior ao seu desaparecimento. Uma vez que para a teoria tradicional os Celtas chegaram do Oriente e só muito tardiamente alcançaram a Espanha, é fácil concluir que a presença do /p/ deve pertencer a um sistema linguístico diferente. Pelo contrário, na visão da *Teoria da Continuidade*, segundo a qual os Indo-Europeus (e os Celtas) já estavam na Espanha do Noroeste, desde a época paleolítica tardia, o /p/ pré-vocálico – tendo em conta que não pode ser posta em causa a sua efectiva presença no indo-europeu e que, a propósito das línguas célticas, se fala, não por acaso, da sua posterior queda – não passa de um resíduo arcaico do céltico falado originariamente nestes territórios (cf. também Untermann, 1981, 1985, 1985-1986, e Navaza, 2006, p. 200, que fala em «celtismo arcaizante»). Ainda em termos de estrita verosimilhança, é mais sensato pensar que foi após à expansão dos grupos celtas para leste, e precisamente pelo contacto com a fala aquitana e com a ibérica – línguas essas onde é, além do mais, documentável uma forte tendência para a aspiração –, que se deu o desaparecimento do /p/.

7.3. Morfossintaxe. Temos ainda um dado da língua actual, desta vez de tipo morfossintáctico: a distinção típica e exclusiva do galego e do português, entre o infinitivo impessoal e o infinitivo pessoal (ou reflexo), este último conjugado como qualquer outra forma verbal (Togebly, 1955, Raposo, 1987, Wireback, 1994). Entre as línguas indo-europeias, este fenómeno – presente também na região fino-úgrica – só é comum apenas à área celto-bretã (por exemplo, *ev a ow clewes*, ‘é preciso escutar’, *ev a ow clewesyons*, ‘é preciso que escutem’ [literalmente, ‘é preciso *escutar-em’], *ev a ow leverelyn*, ‘é preciso que escute-

mos’ [literalmente, ‘é preciso *escutar-mos’]). Na região românica o infinito pessoal reflexo só se verifica na zona galega e portuguesa (com excepção de alguns dialectos da Itália meridional, onde é, no entanto, um fenómeno recente correspondente a exigências sintácticas específicas: cf. Loporcaro, 1986) e pode correctamente interpretar-se como sendo um arcaísmo céltico mantido na região galaico-lusitana, onde deverá representar um fenómeno originário.

7.4. *Léxico*. No âmbito lexical, com referência ao primado céltico na construção dos carros pré-históricos e proto-históricos, deve mencionar-se a difusão do nome céltico ‘camba’: *camba *cambita (de *cambo – ‘curvo’, cf. irl. *camn*, galês e cón., *cam*, bret., *kamn*). Enquanto os derivados em *-ita* parecem ter tido uma difusão secundária para leste: no território ibérico (esp., *llanta*,) França (fr., *jante* e variantes) Itália meridional (apulense, *janda*), a variante simples, *camba*, é limitada à zona costeira e contígua: galego, português, asturiano, leonês.

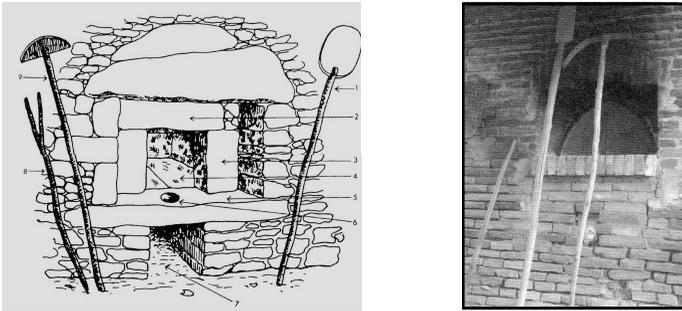


Fig. 15. À esquerda: o trollo galego (o segundo instrumento da esquerda) (segundo Rivas Quintas, p. 73); à direita: o tròl emiliano (ao lado de uma pá de forno) (segundo Benozzo, 2006c, p. 184).

Também o termo galego *trollo/trullo*, ‘rodo para as brasas do forno’ [N.T. em português o termo sobrevive em *trolha*, pequena pá de pedreiro] (Rivas Quintas, 2000, pp. 176-177), não encontrado na região ibérica e românica a não ser na zona conservadora do Norte de Itália de tipo emiliense ocidental (que apresenta a forma *tròl*) (Benozzo, 2006e, p. 123), está evidentemente relacionado com os termos célticos do tipo breão *troellen*, cónico *trollh* e galês *troel* ‘ibid.’ (GPC, pp. 3602-3603). O termo

em questão refere-se ao léxico da panificação e, mais em geral, aos procedimentos de vários tipos ligados ao forno; o seu aparecimento deve portanto ter acontecido, pelo menos, no Calcolítico (época em que os Celtas introduziram a maior parte das técnicas metalúrgicas na Europa), ou provavelmente no anterior Neolítico, quando as técnicas de elaboração e cozedura do pão se desenvolveram. A sua presença no galego permite portanto vê-lo como um último exemplo do conservadorismo da região galega. No que respeita à alta Itália, o termo *tròl* verifica-se, por sua vez, numa área dialectal que, em termos arqueológicos, se identifica com a cultura paleolítica-terramarícola, de tipo céltico-germânico (Lombardia oriental, zona benacense, planície paduana centro-ocidental), que o rio Panaro separava da Apenínica (que se formou posteriormente ao Protovilanovense e Vilanovense) (Alinei, 1997, Benozzo, 2006).

7. 5. Vestígios de xamanismo arcaico. Não é, certamente, altura para nos determos noutro aspecto da substancial continuidade cultural europeia do Paleolítico até hoje, aspecto que analisámos num livro, ainda no prelo, relativo aos reflexos do canto xamânico arcaico presentes nos textos dos trovadores galaico-portugueses: limitar-nos-emos, por agora, a dizer que, num horizonte de referências complexo e articulado, será ocasião de incluir também este tipo de referências ao lado dos que nos oferecem a linguística, a arqueologia, a genética, o folclore e a religião, visto desde as origens as literaturas românicas oferecerem vestígios evidentes e insuspeitados de estratos paleolíticos e mesolíticos (cf. Benozzo 2006b, 2007a, no prelo, sobre os dados de Costa, 1998, 2000, 2001, 2004, 2006).

8. Conclusão

Tentemos concluir resumidamente. Segundo a teoria tradicional (a dos manuais de filologia românica), o galego é uma fala formada após a romanização, isto é, depois da definitiva conquista de Augusto, entre 29 e 19 a. C., e diferenciada das outras por razões de substrato diferente (que segundo os diversos investigadores parece pré-céltico, paracéltico, lígure, ilírico, pré-indo-europeu, indo-europeu), de suprstrato diferente (germânico), mas não por razões sociolinguísticas. Em substância, uma língua formada e desenvolvida num raio de poucos séculos do primeiro milénio depois de Cristo. Os elementos que originaram este ponto de vista tradicional são essencialmente dois: 1) a teo-

ria tradicional sobre as origens indo-europeias, da qual esta é filha e consequência; 2) um respeito *feiticista* pela dita «primeira atestação» (de um texto, de uma crença, de uma concepção), que continua a ser vista como um simples *terminus a quo*, ao passo que – congregando os ganhos teóricos alcançados pela dialectologia e pela antropologia – deveria ser avaliada não como prova do primeiro aparecimento de um fenómeno, mas antes da preciosa vitalidade de tradições anteriores, de vestígios da existência desse mesmo fenómeno, isto é, nem mais nem menos, um autêntico *terminus ante quem*.

De acordo com a *Teoria da Continuidade*, a Galiza pertence a uma área linguística de instalação protocéltica, como demonstra, antes de mais, a presença do megalitismo céltico-atlântico, que remontando a uma época imediatamente posterior ao Mesolítico, é o mais antigo da Europa, depois do bretão. Todos os indícios apresentados (toponómicos, fonéticos, arqueológicos, religiosos, genéticos) descrevem, com base numa indubitável *cumulative evidence*, um celtismo originário da região galaico-lusitana, bem mais antigo que o celtibérico e, provavelmente, mais arcaico do que o verificado no gálico da França actual. Este dado não é explicável de algum modo no quadro tradicional. A única maneira de explicar as ligações céltico-atlânticas originárias da região galega é identificando esta zona como uma propagação sul-occidental da pátria originária dos povos de língua céltica e de fazer recuar a datação da presença céltica a uma época, pelo menos, mesolítica. Deve acrescentar-se que, se foram os metais que originaram a ideia de terem sido os Celtas os primeiros dominadores da Europa, a Península Ibérica, e em particular a zona galaico-lusitana, é o único território céltico europeu onde encontramos o ouro, a prata, o estanho, o cobre e o bronze (Ballester, 2001, p. 385). Portanto, o que sabemos do Paleolítico ibérico norte-occidental – com os seus vestígios de uma evidente continuidade desde a indústria paleolítica dos *seixos afeixoados* até aos sítios neolíticos e às jazidas da época romana –, e dada a total ausência de vestígios de invasões na época mesolítica-neolítica, permite projectar a situação até agora descrita para a época do Paleolítico Superior, quando surgem as provas mais evidentes de uma presença do *Homo sapiens sapiens* na faixa setentrional cantábrica-galaico-lusitana. A Península Ibérica meridional, nessa mesma época, é já hipoteticamente uma região ibero-occitálide (isto é, a área identificada com a cultura neolíti-

ca da *Cerâmica Impressa/Cardeal*, que no quadro da Teoria da Continuidade remonta ao Paleolítico Tardio); deve assim colocar-se a hipótese de ter havido uma simbiose, na Península, entre os grupos célticos (originariamente no Atlântico Norte e no centro) e os grupos ibero-occitálides (originariamente no centro e no Sul), com uma recíproca e forte presença ibero-occitálide, em direcção ao Norte, e céltica, em direcção ao centro-Sul. A região castelhana, com os seus dialectos (que apresenta, embora em menor medida, traços linguísticos e testemunhos toponomásticos de tipo céltico), seria assim de fundo ibero-occitálide, com um superstrato céltico, enquanto a galaico-portuguesa seria de fundo céltico com um superstrato ibero-occitálide. A recente romanização, a que teria provocado, de acordo com a teoria tradicional, o nascimento das falas hispânicas, não fez mais do que acentuar essa situação milenar, completando a italianização da região norte-occidental.

Assim, agora, quando regressarmos à Itália e deixarmos para trás esta belíssima terra atlântica, não iremos senão repetir um pouco esse movimento de ocidente para oriente, a suposta direcção de uma parte dos grupos célticos históricos. Na realidade, e simplificando, iremos voar sobre o território europeu, onde as gentes indo-europeias estiveram desde sempre, sem terem percorrido milhares de direcções e sem terem invadido milhares de vezes terra estrangeira: porque devemos colocar hipóteses diferentes para os Indo-Europeus das que admitimos, sem perturbações, para os outros continentes? Não é realmente verdade que os Africanos estiveram sempre em África, os Chineses na China, os Aborígenes australianos na Austrália? Só os nossos Indo-Europeus, e entre eles, em particular, os belicosos Celtas, seriam a excepção entre as populações do mundo, tendo incessantemente de mudar de sítio, ocupar, guerrear, através de milhares de quilómetros, de milhares de anos, a andar para a frente, a torto e a direito, numa eterna e volúvel instabilidade.

Não será, na realidade e acima de qualquer outra coisa, este presumível nervosismo das gentes indo-europeias, esta ânsia esquizofrénica de migrar, invadir, combater, um reflexo da inquietação dos nossos estudos?

Bibliografia

- Albertos Firmat, M.L. 1974. «El culto a los montes entre los galaicos, astures y berones y algunas de las deidades más significativas». In *Estudios de Arqueología Alavesa*, 6, pp. 147-157.
- 1974-1975. «Los Célticos Supertaméricos en la epigrafía». In *Cuadernos de Estudios Gallegos*, 19, pp. 313-318.
- 1979. «La onomástica de la Celtiberia». In *Actas del II Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica*. Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 131-167.
- 1985. «A propósito de algunas divinidades lusitanas (Arantius Ocellaeus, Arantia Ocellaea) y el elemento *ocelum*». In *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenario oblatae*. Vitoria, Universidad del País Vasco, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, pp. 469-494
- 1990. «Los topónimos en *-briga* en Hispania». In *Veleia*, 7, pp. 131-146.
- Alinei, M. 1991. «L'approccio semantico e storico-culturale: verso un nuovo orizzonte cronologico per la formazione dei dialetti». In *Rivista Italiana di Dialettologia*, 15, pp. 43-65.
- 1992. «Dialectologie, anthropologie culturelle, archéologie: vers un nouvel horizon chronologique pour la formation des dialectes européens». In AA.VV., *Nazioarteko dialektologia biltzarra. Agirak. Actas del Congreso Internacional de Dialectologia Euskaltzaindia* (Bilbao: 21- 25/10/1991), Bilbao, Bonaparte, pp. 577-606
- 1996. «L'étude historique des êtres imaginaires des Alpes dans le cadre de la théorie de la continuité». In AA.VV., *Actes de la Conférence Annuelle sur l'activité scientifique du Centre d'Études Francoprovençales. Les Êtres imaginaires dans les récits des Alpes*, Aosta, pp. 103-110
- 1996-2000. *Origini delle lingue d'Europa*, vol. I, *La teoria della continuità*, vol. II, *Continuità dal Mesolitico all'età del Ferro nelle principali aree etnolinguistiche*. Bologna, Il Mulino.
- 1997. «La teoria della continuità ed alcuni esempi di lunga durata nel lessico dialettale neolatino». In *Rivista Italiana di Dialettologia*, 21, pp. 73-96.
- 2000. «An Alternative Model for the Origins of European Peoples and Languages: The Continuity Theory». In *Quaderni di Semantica*, 42, pp. 21-50.
- 2001a. «European Dialects: A Window on the Prehistory of Europe». In *Lingua e Stile*, 36, pp. 219-240.
- 2001b. «Confini archeologici, confini dialettali: verso una dialettologia interdisciplinare». In Marcato, G. (ed.), *I confini del dialetto, Atti del Convegno* (Sappada-Plodn-Belluno, 5-9 luglio 2000). Padova, pp. 75-94.
- 2001c. «Conseguenze delle nuove teorie indoeuropeistiche sulla dialettologia romanza». In *Estudis Romànics*, 23, pp. 7-47.

- 2001d. «Un modelo alternativo per le origini dei popoli e delle lingue europee: la Teoria della Continuità», in Bocchi, B., Ceruti, M. (edd.), *Le radici prime d'Europa*, Milano, Bruno Mondadori, pp. 177-208.
 - 2002. «Towards a Generalized Continuity Model for Uralic and Indoeuropean Languages». In Julku, K. (ed.), *The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia IV*, Oulu, Societas Historiae Fenno-Ugricae, pp. 9-33.
 - 2003a. «The Paleolithic Continuity Theory on Indo-European Origins: An Introduction». In *Studi celtici*, 2, pp. 13-41.
 - 2003b. *Etrusco: una forma arcaica di ungherese*. Bologna, Il Mulino.
 - 2004. «The Celtic Origin of Lat. *rota* and Its Implications for the Prehistory of Europe». In *Studi celtici*, 3, pp. 13-29.
 - 2005a. «Una risposta alla recensione di Danilo Gheno, dedicata agli etruscologi». In *Quaderni di semantica*, 52, pp. 191-219.
 - 2005b. «Addenda etrusco-turco-ugrici». In *Quaderni di Semantica*, 52, pp. 219-240.
 - 2006. «Unha nova visión da preistoria lingüística de Europa» [trad. galega di G. Navaza]. In *A Trabe de Ouro*, 17, pp. 199-217.
- Alinei, M. - Benozzo, F. 2008. «Megalithism as a Manifestation of an Atlantic Celtic Primacy in Meso-Neolithic Europe». In *Studi celtici*, 6, pp. 13-74.
- Almeida, F. 1965. «Mais divindades lusitanas do grupo *Band*». In *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 3, pp. 19-31.
- Alonso Romero, F. 1998. «Las mouras constructoras de megalitos: estudio comparativo del folclore gallego con el de otras comunidades europeas». In *Anuario Brigantino*, 21.
- Alonso, F., Bello, J. M. 1995. «Aportaciones del monumento de Dombate al megalitismo noroccidental: dataciones de Carbono 14 y su contexto arqueológico». In *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35, pp. 154-168.
- Aparicio Casado, B. Almagro-Gorbea, M., Lorrio, A. 1990. «La tête humaine dans l'art celtique de la Péninsule Ibérique». In *11e Congrès National de la Société de Savantes*, Avignon, Pré- et Protohistoire, pp. 219-237.
- Arrizabalaga Valbuena, A. 1992. «Labeko-koba (Arrasate, País Vasco): nuevos datos sobre el Paleolítico superior inicial». In A. Cearreta, F. Ugarte (edd.), *The Late Quaternary in the Western Pyrenean Region*. Euskal Herriko Unibertsitatea, pp. 285-290.
- 2005. «Two Tales or Two Caves? La transición Paleolítico Medio/Superior en el Cantábrico oriental». In M. Santona, A. Pérez-Gonzalez, M.J. Machado (edd.), *Geoarqueología y conservación del Patrimonio*, pp. 81-93.
- Arrizabalaga, A. et al. 2005. «The Initial Upper Paleolithic in Northern Iberia». In *Current Anthropology*, 44, pp. 413-421.
- Balboa Salgado, A. 1996. *Gallaecia nas fontes clásicas*. Santiago, Servicio de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela.
- Ballester, X. 1998-1999. «Sobre el origen de las lenguas indoeuropeas prerromanas de la Península Ibérica». In *Arse*, 32-33, pp. 65-82.

- 1999. «Alinei, ovvero Indoeuropei, gente normale: perché no?». In *Rivista Italiana di Dialettologia*, 23, pp. 293-310.
 - 2000. «Sulle origini delle lingue indoeuropee». In *Quaderni di Semantica*, 21, pp. 7-20.
 - 2001a. «Alinei II: la sintesi emergente». In *Rivista Italiana di Dialettologia*, 25, pp. 373-385.
 - 2001b. «A propósito de gállego - gallego». In *Moenia*, 7, pp. 331-342.
 - 2004a. «Indoeuropeización en el Paleolítico. Una réplica». In *Estudis Romànics*, 26, pp. 217-232.
 - 2004b. «Hablas indeuropeas y anindeuropeas en la Hispania prerromana». In *Elea*, 6, pp. 107-138.
 - 2004c. «Páramo o del problema de la */p/ en celtoide». In *Studi celtici*, 3, pp. 45-56.
- Balseiro García, A. 1994. *El oro perromano en la provincia de Lugo*. Lugo, Museo Provincial, Diputación Provincial.
- Baños Rodríguez, G. 1994. *Corpus de inscripciones romanas de Galicia*. Vol. II: *Provincia de Pontevedra*. Santiago, Consello da Cultura Galega.
- Baños, G., Pereira Menaut, G., 1998. «Inscripciones votivas del Facho de Donón (Pontevedra)». In J. Alvar, J. Mangas Manjarrés (edd.) *Homage a José M^a Blázquez*, vol. V, pp. 21-44. Madrid: Clásicas.
- Bascuas, E. 2006. *Hidronimia y léxico de origen paleoeuropeo en Galicia*. Sada, A Coruña, Edición do Castro.
- in stampa. «Revisión dalgúns topónimos en *-bre* e *-briga*». In questi atti congressuali.
- Bello, J. M. 1992-1993. «El monumento de Dombate en el marco del megalitismo del Noroeste peninsular. Aspectos arquitectónicos». In *Portugalia Nova Série*, 13-14, pp. 139-148.
- 1995. «Arquitectura, arte parietal y manifestaciones escultóricas en el megalitismo noroccidental». In *Monografías*, Museo Arqueológico e Histórico da Cruña, pp. 29-98.
- Bello, J. M., De la Peña, A. 1995. *Galicia na Prehistoria*, Perillo-Oreillos, Via Láctea/Concéillo de A Coruña.
- Benozzo, F. 2000. «Genetics, Diffusionism, History of Thought. Towards an Anthropology of Medieval Languages and Literatures». Research Seminar, University of Wales, Aberystwyth, Department of European Studies.
- 2002a. «Celtoromanica: cinque note morfosintattiche». In *Quaderni di Filologia Romanza della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università di Bologna*, 15, pp. 369-377.
 - 2002b. rec. di Alinei 1996-2000. In *Studi Celtici*, 1, pp. 243-253.
 - 2004a. «Toponimi orali frignanese di origine etrusca e celtica». In *Studi celtici*, 3, pp. 13-25.

- 2004b. «Alcune considerazioni sull’aspirazione di /s/ nei dialetti lombardi orientali: per un approfondimento alpino della Paleolithic Continuity Theory». In *Quaderni di Semantica*, 50, pp. 243-253.
 - 2004c. «Filologia al bivio: ecdotica celtica e romanza a confronto». In *Ecdotica*, 1, pp. 24-54.
 - 2006a. «Origini delle letterature d’Europa». In *Motivazione e continuità linguistica. Per Mario Alinei in occasione dei suoi 80 anni*, a ed. M. Contini, R. Caprini. Bologna, Clueb, pp. 31-50.
 - 2006b. «Sciamani europei e trovatori occitani». In Corradi Musi, C. (ed.), *Simboli e miti della tradizione sciamanica*, Atti del Convegno Internazionale (Bologna, 4-5 maggio 2006), Bologna, Carattere, pp. 96-110.
 - 2006c. «Stratigrafie del romanzo arturiano: le connessioni gallo-brittoniche e le tradizioni perdute del primo millennio a. C.». In *Quaderni di Filologia Romanza della Facoltà di Lettere e Filosofia dell’Università di Bologna*, 18, pp. 65-78.
 - 2006d. «Celtic Substratum in Romance Languages». In J. T. Koch (ed.), *Celtic Culture: A Historical Encyclopedia*, ABC CLIO, Santa Barbara-Denver-Oxford 2006, vol. IV, pp. 1523-1527.
 - 2006e. *Dizionario del dialetto di San Cesario sul Panaro*, vol. 1, *La casa e le relazioni famigliari*. San Cesario sul Panaro, Amministrazione Comunale.
 - 2006f. «Un reperto lessicale di epoca preistorica: emiliano occidentale tròl, gallego trollo ‘rastrello per le braci’». In *Quaderni di Filologia Romanza della Facoltà di Lettere e Filosofia dell’Università di Bologna*, 19, pp. 217-221.
 - 2007a. *La tradizione smarrita. Le origini non scritte delle letterature romanze*. Roma, Viella.
 - 2007b. «Radici celtiche tardo-neolitiche della cavalleria medievale». In *Quaderni di semantica*, 28, pp. 461-486.
 - in stampa a. «Residui del canto sciamanico arcaico nella poesia dei trovatori occitani e galegoportoghesi». In *La lirica romanza del Medioevo. Storia, tradizioni, interpretazioni*. Atti del Convegno Nazionale della Società Italiana di Filologia Romanza (Padova, 27 settembre - 1 ottobre 2006), Padova, Esedra.
 - in stampa b. «Sciamani e lamentatrici funebri: una nuova ipotesi sulle origini del pianto rituale». In *Lachrymae. Mito e metafora del pianto nel Medioevo. Atti del Convegno (Certosa di Pontignano, 2-4 novembre 2006)*, a cura di F. Mosetti Casaretto, Alessandria, Edizioni dell’Orso.
- Bermejo Barrera, J. C. 1982. *Mitología y Mitos de la Hispania Prerromana I*. Madrid, Akal.
- 1986. *Mitología y Mitos de la Hispania Prerromana II*. Madrid, Akal.
- Bernaldo De Quirós, F. 1982. *Los inicios del Paleolítico Superior Cantábrico*. Altamira, Centro de Investigación y Museo de Altamira.
- Blázquez, J. M. 1962. *Religiones primitivas de Hispania I. Fuentes literarias y epigráficas*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

- Blázquez, J. M. 1975. *Diccionario de las Religiones Prerromanas de Hispania*. Madrid, Ediciones Istmo.
- Brañas Abad, R. 1995. *Indíxenas e Romanos na Galicia Céltica*. Santiago, Follas Novas.
- 2000. *Deuses, heroes e lugares sagrados na cultura Castrexa*. Santiago, Sotelo Blanco.
- Búa Carballo, C. 1999. «Hipótesis para algunas inscripciones rupestres del Occidente Peninsular». In F. Villar, F. Beltrán (edd.), *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana*, Zaragoza and Salamanca, Institución Fernando el Católico, Universidad de Salamanca, pp. 309-327.
- Búa, C. 1997. «Dialectos indoeuropeos en el occidente de Hispania». In G. Pereira (ed.) *O Feito Diferencial Galego. I. Historia*, vol. 1 Santiago de Compostela, Museo do Pobo Galego, pp. 51-99.
- Butzer, K.W. 1967. «Geomorphology and Stratigraphy of the Paleolithic site of Budiño (Prov. Pontevedra, Spain)». In *Eiszeitalter und Gegenwart* 18, pp. 82-103.
- Cabrera Valdés, V. 1984. *El yacimiento de la Cueva de El Castillo (Puente Viesgo, Santander)*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, XXII.
- 1996. «Del Musteriense al Paleolítico Superior». In *Gallaecia*, 14/15, pp. 123-130.
- Cabrera, V., Bernaldo De Quirós, F. 1990: «Données sur la transition entre le Paléolithique moyen et le Paléolithique supérieur de la région cantabrique». In C. Farizy (ed.), *Paléolithique moyen récent et Paléolithique supérieur ancien en Europe*, Nemours, pp.185-188.
- 1996: «The Origins of the Upper Paleolithic: A Cantabrian Perspective», in E. Carbonelli, M. Vaquero (edd.), *The Last Neandertals, the First Anatomically Modern Humans*, Terragona, pp. 251-265.
- Cabrera, V., Hoyos, M., Bernaldo De Quirós, F. 1993. «La transición del Paleolítico medio al superior en la Cueva de El Castillo: características paleoclimáticas y situación cronológica». In V. Cabrera Valdés (ed.) *El origen del hombre moderno en el Suroeste de Europa*. U.N.E.D., pp. 81-101.
- Castro Pérez, L. 1992. *Los Torques de los dioses y de los hombres*. A Coruña, Vía Láctea.
- 2001. *Sondeos en la arqueología de la religión en Galicia y norte de Portugal: Trocado de Bande y el culto Jacobeo*. Vigo, Universidade. Ciprés, P. 1993. *Guerra y sociedad en la Hispania indoeuropea*. Vitoria, Instituto de Ciencias de la Antigüedad, Universidad del País Vasco.
- Clark, G. 1977. *World Prehistory in New Perspective*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Costa, G. 1998. *Le origini della lingua poetica indeuropea. Voce, coscienza e transizione neolitica*. Firenze, Olschki.

- 2000. *Sulla preistoria della tradizione poetica italica*. Firenze, Olschki.
- 2001. «Continuità e identità nella preistoria indeuropea: verso un nuovo paradigma». In *Quaderni di Semantica*, 48, pp. 215-260.
- 2004. «Linguistica e preistoria. I: evoluzione delle lingue e delle culture». In *Quaderni di Semantica*, 50, pp. 255-269.
- 2006. «Linguistica e preistoria. II: Linguaggio e creazione del sacro». In *Motivazione e continuità linguistica. Per Mario Alinei in occasione dei suoi 80 anni*, a ed. M. Contini, R. Caprini. Bologna, Clueb, pp. 193-217.
- Cunliffe, B. 2000. «Brittany and the Atlantic rim in the later first millennium BC». In *Oxford Journal of Archaeology*, 19, pp. 367-386.
- 2001. *The Atlantic and its Peoples*. Oxford.
- De Almeida, C. A. F. 1980. Dois capacetes e tres copos en bronze, de Castelo de Neiva, in *Gallaecia*, 6, pp. 245-255.
- De Bernardo Stempel, P. 2001. «Grafemica e fonologia del Celtiberico: 1. Nuovi dati sulle vocali mute; 2. Una nuova legge fonetica che genera dittonghi; 3. Fonti e fasi di sviluppo della sibilante Sonora». In Villar, F. - Pilár Fernández Álvarez (edd.), *Religión, lengua y cultura prerromanaz de Hispania*. Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 117-129.
- De Hoz, J. 1963. «Hidronimia antigua europea en la Península Ibérica». In *Emerita*, 31, pp. 227-242.
- 1986. «La religión de los pueblos prerromanos de Lusitania». In *Primeras jornadas sobre manifestaciones religiosas en la Lusitania*. Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 31-49
- Demars, P. Y., Hunblin, J.J. 1989: «La transition Néandertaliens/Hommes de type moderne en Europe occidentale, Aspects paléontologiques et culturels». In Vandermeersch, B., Otte, M. (edd.), *L'Homme de Néandertal*, vol. VII, *L'Extinction*, Liège, Eraul, pp. 23-37
- Echaide, M. D. 1971. «La industria lítica del yacimiento de Budiño (Pontevedra, España)». In *Munibe*. 23, pp.125-154.
- Encarnação, J. 1987. «Divindades indígenas da Lusitânia». In *Conimbriga*, 26, pp. 5-37.
- Evans, D. E. 1967. *Gaulish Personal Names*. Oxford, University Press.
- Fábregas Valcárce, R. 1988. «Cronología y periodización del megalitismo en Galicia y Norte de Portugal». In *Prehistoria*, 1, pp. 279-291.
- 1991. *Megalitismo del Noroeste de la Península Ibérica. Tipología y secuencia de los materiales líticos*. Madrid, UNED.
- 1996. «Os primeiros poboadores de Galicia: O Paleolítico». In *Cadernos do Seminario de Sargadelos*, 73, pp. 47-74.
- Fernández Carballo, L. 2001. «O Guerreiro galaico de Ralle (Taboada-Lugo): Relectura etnoarqueolóxica do torques». In *Gallaecia*, 20, pp. 133-147.
- García Fernández-Albalat, B. 1991. *Guerra y religión en la Gallaecia y la Lusitania Antiguas*. Sada, O Castro.

- García Martínez, S.M. 1999. «Tres nuevos antropónimos de los Célticos Supertamarcos». In F. Villar, F. Beltrán (edd.), *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania Prerromana*, Zaragoza and Salamanca, Institución Fernando el Católico, Universidad de Salamanca, pp. 413-470
- García Quintela, M.V. 1992. «El Sacrificio Lusitano. Estudio Comparativo». In *Latomus* 51(2), pp. 337-354.
- 1997. «Las Puertas del Infierno y el Río del Olvido. (Un tema mítico céltico en la etnografía ibérica de Estrabón)». In *Gallaecia*, 16, pp. 145-157.
- 1999. *Mitología y Mitos de la Hispania Prerromana III*. Madrid, Akal.
- García Quintela, M. V., Criado Boado, F., González García, F.J., Parcero Oubiña, C., Santos Estévez, M. 2003. *Souveraineté et sanctuaires dans l'Espagne celtique (études comparées d'histoire et d'archéologie)*. Brussels, Société belge d'études celtiques.
- García Quintela, M. V., Santos Estévez, M. 2000. «Petroglifos podomorfos de Galicia e investiduras reales célticas: estudio comparativo». In *Archivo Español de Arqueología*, 73, pp. 5-26.
- 2006. *Santuarios de la Galicia Celta*. Madrid, Abada.
- Garrido Rodríguez, J. 1978. «Nueva estación paleolítica en Portavedra, Gondomar (Pontevedra)». In *Boletín del Museo de Pontevedra*, 32, pp. 49-58.
- Gimbutas, M. 1970. «Proto-Indo-European culture: the Kurgan culture during the 5th to the 3rd millennia B.C.». In *Indo-European and Indo-Europeans*, ed. G. Cardona, H.M. Hoenigswald, A. Senn, Philadelphia, pp. 155-198.
- 1973a. «Old Europe c. 7000-3500 B.C., the earliest European cultures before the infiltration of the Indo-European peoples». In *Journal of Indo-European Studies*, 1, pp. 1-20
- 1973b. «The beginning of the bronze age in Europe and the Indo-Europeans 3500-2500 B.C.». In *Journal of Indo-European Studies*, 1, pp. 163-214.
- 1977. «The first wave of Eurasian steppe pastoralists into Copper Age Europe». In *Journal of Indo-European Studies*, 5, pp. 277-338.
- 1979. «The three waves of the Kurgan people into Old Europe». In *Archives suisses d'anthropologie générale*, 43, pp. 113-117.
- 1980. «The Kurgan wave migration (c. 3400-3200 B.C.) into Europe and the following transformation of culture». In *Journal of Near Eastern Studies*, 8, pp. 273-315.
- 1982. «Old Europe in the 5th Millennium B.C.: The European Situation on the Arrival of the Indo-Europeans». In E. Polomé (ed.), *The Indo-Europeans in the 4th and 3th Millennia*, Ann Arbor, pp. 1-60.
- 1990a. «The social structure of Old Europe». In *Journal of Indo-European Studies*, 18, pp. 197-214.
- 1990b. «The collision of two ideologies». In T.L.Markey, J.A. Greppin (edd.), *When tWorlds collide. Indo-Europeans and Pre-Indo-Europeans*, Ann Arbor, pp. 171-178.

- González-Ruibal, A. 2003. *Arqueología del Primer Milenio a.C. en el Noroeste de la Península Ibérica*. Ph.D. Dissertation, Departamento de Prehistoria, Universidad Complutense de Madrid.
- GPC = *Geiriadur Prifysgol Cymru*, vol. IV, Caerdydd, Prifysgol Cymru, 1999-2002
- Guilaine, J. De 1997. «La Méditerranée et l'Atlantique». In A. Rodríguez Casal (ed.), *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlántico e as Orixes do Megalitimismo*, Santiago de Compostela, abril de 1996, Santiago de Compostela.
- Häusler, A. 1998. «Überlegungen zum Ursprung der Indogermanen», in Julku, K. - Wiik, K. (edd.), *The Roots of Peoples and Languages of Northern Eurasia*. Turku, Societas Historiae Fenno-Ugricae.
- Hernando, A. 1999. *Los primeros agricultores de la Península Ibérica*. Madrid.
- Ledgeway, A. 1998. «Variation in the Romance infinitive: the case of the Southern Calabrian inflected infinitive». In *Transactions of the Philological Society*, 96, pp. 1-61.
- Lema Suárez, X.L. 2006. *Polas, antas e mámoas da Costa da Morte (Galicia)*. Vimianzo, Seminario de Estudos Comarcais.
- Llana Rodríguez, C. 1993. «La presencia de los cazadores-recolectores en las montañas de Galicia». In A. Pérez, L. Alberti, L. Gguitián Rivera, P. Ramil Rego (edd.), *La evolución del paisaje en las montañas del entorno de los Camiños Jacobeos*. Xunta de Galicia, pp. 193-209.
- Longa, V. M. 1994. «The Galician inflected infinitive and the theory of UG». In *Catalan Working Papers in Linguistics (CatWPL)*, 4.1, pp. 23-44.
- Loporcaro, M. 1986. «L'infinito coniugato nell'Italia centro-meridionale: ipotesi genetica e ricostruzione storica». In *L'Italia Dialettale* 49, pp. 173-240.
- Luis, M. L. 1997. «O sedente de Pedrafita». *Boletín Auriense*, 25, pp. 37-50.
- Marco, F. 1994. «La religión indígena en la Hispania indoeuropea». In María Blázquez, J. (ed.), *De las religiones de la Europa Antigua*. Madrid, Cátedra, pp. 313-400.
- Maroto, J. et al. 2005. «Problemática cronológica del final del Paleolítico Medio en el Norte Peninsular». In *Museo de Altamira. Monografías*, 20, pp. 101-114.
- Martínez Cortizas, A. 1991. «Estudio sedimentológico e das propiedades químicas e físicas da cata 12-D do xacemento paleolítico na Cova da Valiña (Castroverde, Lugo)». In C. Llana, M.J. Soto (edd.), *Cova da Valiña (Castroverde, Lugo). Un xacemento do Paleolítico Superior Inicial en Galicia (Campañas de 1987 e 1988)*. Santiago, Xunta de Galicia (Arqueoloxía / Investigación; 5), pp. 45-54.
- Martins, A. M. 1999. «On the origin of Portuguese inflected infinitive». In *Historical Linguistics 1999, Selected Papers from the 14th International Conference on Historical Linguistics*, ed. L. Brinton. Amsterdam, John Benjamins.
- Martins, M., Silva, A. C. F. da 1984. «A estátua de guerreiro galaico de S. Julião (Vila Verde)». In *Cadernos de Arqueologia*, 1, pp. 29-47.

- Maurer Jr., T. H. 1968. *O Infinitivo flexionado Português: Estudo histórico-descritivo*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- Miller, D.G. 2003. «Where Do Coniugate Infinitives Come From?». In *Diachronica*, 20, pp. 45-81.
- 2004. «The Origins of Welsh Conjugated Infinitive'». In *Diachronica*, 21, pp. 329-350.
- Monteagudo, L. 1952. «Torques castreños de alambres enrollados». In *Archivo Español de Arqueología*, 25, pp. 287-296.
- Navaza, G. 2006. «Premessa ad Alinei 2006». In *A Trabe de Ouro*, 17, pp. 199-200.
- Olivares Pedreño, J. C. 2005. «Celtic Gods of the Iberian Peninsula». In *E-Keltoi*, 6, pp. 607-649.
- Orero Grandal, L. 1986. «Torso de guerreiro de Santa Ádega (Reádegos) e cabeza de Anllo (S. Cristobal de Cea)». In *Boletín Auriense*, 16, pp. 91-105.
- Otte, M. 1997. «The Diffusion of Modern languages in Prehistoric Eurasia». In Blench, R., Spriggs, M. (edd.), *Archaeology and Language*, London-New York, Routledge, pp. 74-81.
- Paço, A. do 1968. «Citânia de Sanfins, VIII. Fragmentos de estátuas de guerreiros calaicos». In *Brotéria*, 76, pp. 710-725.
- Peña Santos, A. de la. 2003. *Galicia. Prehistoria, castrexo e primeira romanización*. Vigo, Edicións a Nosa Terra.
- Pereira González, F. 2000. «O mito celta na historia». In *Gallaecia*, 19, pp. 311-334.
- Pérez Outeiriño, B. 1980. «Os ornitomorfos no conxunto dos motivos decorativos da orfebrería castrexa». In *Boletín Auriense*, 10, pp. 9-24.
- Piel, J. M. 1944. A flexão verbal do português: estudo de morfologia histórica. *Biblos*, 20, pp. 359-384.
- Prieto Molina, S. 1996. «Los torques castreños del Noroeste de la Península Ibérica». In *Complutum*, 7, pp. 195-223.
- Prósper, B.M. 2002. *Lenguas y religiones prerromanas del occidente de la Península Ibérica*. Salamanca, Universidad de Salamanca.
- Queiroga, F. M. V. R. 1987. «Dois torques castrejos do Ashmolean Museum, Oxford». In *Portvgália*, 8, pp. 59-62.
- Raposo, E. 1987. «Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese». *Linguistic Inquiry*, 18, pp. 85-109.
- Raposo, L. 1993. «Mesolítico». In A. C. F. Silva (ed.) *Pré-Historia de Portugal*. Universidade Aberta, Lisboa, pp. 113-148.
- Renfrew, C. 1987. *Archeology and Language: The Puzzle of Indo-European Origins*, Cambridge-New York.
- 1992. «World Languages and Human Dispersal: A Minimalist View». In J.M. Hall, I. C. Jarvie (edd.), *Transition to Modernity: Essays on Power, Wealth and Belief*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 11-68.

- 1996. «Language Families and the Spread of Farming». In D. R. Harris (ed.), *The Origins and Spread of Agriculture and Pastoralism in Eurasia*, London, UCL Press, pp. 70-92.
- 1998. «The Origin of World Linguistic Diversity: An Archaeological Perspective». In N. G. Jablonski, L. C. Aiello (edd.), *The Origin and Diversification of Languages*, San Francisco, Academy of Sciences, pp. 171-192.
- 2001. «Orìgini indoeuropee: verso una sintesi». In *Le radici prime dell'Europa. Gli intrecci genetici, linguistici, storici*, Milano, Bruno Mondadori, pp. 116-137.
- Rivas Quintas, E. 2000. *O forno do pan. Léxico rural do noroeste hispano*, Vigo, Grafo Dos Editorial.
- Rodríguez Asensio, J. A. 1983. *La presencia humana más antigua en Asturias (El Paleolítico inferior y medio)*. Oviedo (Estudios de Arqueología Asturiana; 2).
- Rodríguez Casal, A.A. 1990. *O megalitismo. A primeira arquitectura monumental de Galicia*. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- Rodríguez Gracia, V. 1976. «Notas sobre el yacimiento paleolítico de A Piteira, Toén (Orense)». In *Boletín Auriense*, 6, pp. 25-42.
- 1979. «Extracto de la carta arqueológica del paleolítico en la provincia de Orense». In *XV Congreso Arqueológico Nacional*. Lugo, pp. 95-108.
- Sáenz de Buruaga, A. 2001. «Sobre la evolución y el tránsito del Paleolítico Medio al Superior en el Pirineo occidental: un proyecto de hipótesis».
- Sagredo, L., Hernández, L. 1996. «Los testimonios epigráficos de Lug en Hispania». In *Memorias de Historia Antigua*, 17, pp. 179-201.
- Santana, B. D. 2002. «Una revisión historiográfica de la investigación protohistórica de Galicia». In *Arqueoweb*, 4, pp. 19-34.
- Straus, L.G. et al. 2002. «Last Glacial Human Settlement in Eastern Cantabria». In *Journal of Archaeological Science*, 29, pp. 1403-1414.
- Sykes, B. 2006. *The Blood of the Isles. Exploring the Genetic Roots of Our Tribal History*. London, Bantam Press.
- Togebly, K., 1955, «L'énigmatique infinitif personnel en portugais». In *Studia Neophilologica*, 27, pp. 211-218.
- Tovar, A. 1982. «The God *Lugus* in Spain». In *Bulletin of the Board of Celtic Studies*, 29, pp. 591-599.
- Tranoy, A. 1981. *La Galice Romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité*. París, Centre P. Paris.
- Un xacemento do Paleolítico Superior Inicial en Galicia (Campañas de 1987 e 1988)*. Santiado: Xunta de Galicia (Arqueoloxía / Investigación; 5).
- Untermann 1981. «La varietà linguistica nell'Iberia preromana». In *AION*, 3, pp. 21-36.
- 1985. «Los teónimos de la región lusitano-galega como fuente de las lenguas indígenas». In De Hoz, J. (ed.), *Actas del III Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas*. Salamanca, Universidad de Salamanca, pp. 343-363.

- 1985-1986. «Lituanisch, Keltiberisch, Keltisch». In *Veleia*, 2-3, pp. 57-76.
- Vázquez Varela, J. M. 1975. «El Paleolítico Inferior en Galicia: estado actual de nuestros conocimientos, problemas y perspectivas». In *Boletín Auriense*, 5, pp. 219-228.
- Vega L. G. *et al.* 1988. «Comments on Neanderthal Acculturation in Western Europe». In *Cultural Anthropology* 39, pp. 29-34.
- 1990. «La fin du Paléolithique moyen au sud de l'Espagne: ses implications dans le contexte de la Péninsule Ibérique», in Fairzy, C. (ed.), *Paléolithique moyen récent et Paléolithique supérieur ancien en Europe*, Nemours, PRAIF, pp. 169-176.
- 1999. «Environments and Settlement in the Middle Palaeolithic of the Iberian Peninsula». In W. Roebroeks, C. Gamble (edd.), *The Middle Palaeolithic Occupation of Europe*, Leiden, pp. 23-48.
- Vidal Encinas, J.M. 1981. «La industria lítica de la estación Achelense de Portavedra, Gondomar (Pontevedra)». In *Boletín del Museo de Pontevedra*, 35, pp. 55-85.
- Villar, F. 2000. *Indoeuropeos y no Indoeuropeos en la Hispania Prerromana*. Salamanca, Universidad de Salamanca.
- 2005. «Los Indoeuropeos y Europa». In *Xenética e historia no Noroeste peninsular: unha perspectiva interdisciplinar*, ed. A. Carracedo, G. Pereira, Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega, pp. 203-236.
- 2006. «Genes and Languages in Europe and South-Western Asia during the Mesolithic and Neolithic Periods». In *Motivazione e continuità linguistica. Per Mario Alinei in occasione dei suoi 80 anni*, a ed. M. Contini, R. Caprini. Bologna, Clueb, pp. 449-487.
- Villar Quinteiro, R. 1996. «El yacimiento paleolítico de A Piteira (Toén), Ourense». In *Boletín Auriense*, 26, pp. 9-26.
- 1997. «El Paleolítico superior y Epipaleolítico en Galicia». In *Zephyrus*, 50, pp. 71-106.
- Villar Quinteiro, R., Llana, C. 2001. «Premières données sur le passage du Paléolithique Moyen au Supérieur en Galice», in J. Zilhão, T. Aubry, A.F. Carvalho (edd.), *Les premiers homes modernes de la Péninsule Ibérique*, Lisboa, pp. 123-143.
- Wireback, K. J. 1994. «The origin of the Portuguese inflected infinitive». In *Hispania*, 77, pp. 544-552.
- www.continuitas.com
- Zilhão, J., D'Errico, F. 1999. «The Chronology and Taphonomy of the Earliest Aurignacian and Its Implications for the Understanding of Neanderthal Extinction». In *Journal of World Prehistory*, 13, pp. 1-68.
- 2000. «La nouvelle "bataille aurignacienne". Une révision critique de la chronologie du Châtelperronien et de l'Aurignacien ancien». In *L'Anthropologie*, 104, pp. 17-50.

Índice

1. As principais teorias sobre as origens indo-europeias, 3
2. A Teoria da Continuidade Paleolítica, 7
3. A região mediterrânica e ibérica no quadro da Teoria da Continuidade, 9
4. A Galiza, do Paleolítico ao Neolítico, e a sua interpretação à luz da TCP, 11
5. O celtismo atlântico da Galiza, 13
 - 5.1 Factor genético, 13
 - 5.2 Factor lendário, 13
 - 5.3 Factor arqueológico-cultural, 14
 - 5.4 Factor mitológico-religioso, 15
 - 5.5 Megalitismo, 18
6. Outros indícios de celtismo da região galega, 22
 - 6.1 Testemunhos de autores clássicos, 22
 - 6.2 Toponomástica, 22
 - 6.3 Cabeças cortadas, 23
7. A região galega como região protocéltica: teónimos, topónimos, fonética histórica, sintaxe, 24
 - 7.1 Teónimos lusitano-galaicos, 24
 - 7.2 Fonética, 24
 - 7.3 Morfossintaxe, 26
 - 7.4 Léxico, 27
 - 7.5 Vestígios de xamanismo arcaico, 28
8. Conclusão, 28
- Bibliografia, 31

